PRÓLOGO

O sol desaparecia atrás das montanhas da Cinta, e a noite descia lentamente sobre Pesoria na forma das sombras dos picos acidentados. Pesoria era uma aldeia situada nos baixos contrafortes da Cinta, entre a cidade-entrepasto do Portão do Norte e a ponte na fronteira com os domínios de Vaul-Syrith, dois nexos comerciais de importância crítica. Tinha um moinho de vento, duas estalagens, e uma série de edifícios cúbicos com tectos cônicos característicos da região. Os seus ocupantes dedicavam-se sobretudo ao fabrico e reparo de rodas, bem como carroças e vagões em geral, e havia ainda dois tanoeiros e três correeiros. Em virtude da sua localização, era uma comunidade próspera, embora nos tempos correntes isso fosse visto mais como uma maldição que uma benesse, pois Vaul-Syrith declarara guerra, e Pesoria seria das primeiras a sofrer com uma eventual investida. A guarnição da ponte fora reforçada, e Ul-Thoryn destacara um corpo de soldados à aldeia, para prevenir uma debandada desorganizada e eventuais pilhagens. Contudo, as gentes de Pesoria tinham-se mantido maioritariamente calmas, e a chegada do Inverno parecia ter resfriado os ânimos de ambos os lados. Afinal, «guerra» era uma palavra que havia vinte anos não constava do vocabulário de Nolwyn; certamente não a iriam agora empreender dois vizinhos?

Fosse como fosse, lorde Aereth insistira na manutenção da guarnição provisória, e em poucas semanas os soldados tinham-se tornado parte da aldeia. As gentes de Pesoria eram calorosas e amigáveis, com grande tradição hospitaleira, e os homens de Ul-Thoryn nunca se sentiram mal recebidos, sendo regularmente convidados a jantares em casas de aldeões e com a garantia de pelo

menos uma rodada semanal por conta da casa. Em compensação, nos dias mais calmos, também aproveitavam para ajudar os seus anfitriões na manutenção das cercas e na recolha de lenha. Amizades foram formadas, os jovens da aldeia mostravam interesse em juntar-se à milícia de Ul-Thoryn, e já se falava mesmo em possíveis casamentos, assim que chegasse a Primavera.

Um dos mais badalados era o de Bartilio, um jovem do Distrito do Porto de Ul-Thoryn, enviado para a província para «ganhar calo», e Oranela, filha do moleiro. Os pretendentes desta e os respectivos pais não viam o caso com bons olhos, pois Oranela era um bom partido, sendo filha única do enviuvado moleiro, mas este parecia satisfeito com a escolha de Assana para a sua filha, e tinha concedido a sua bênção ao jovem miliciano. Diziam as más-línguas que assim fora porque Oranela sempre infernizara a vida do pobre velho, queixando-se incessantemente do tédio que era viver em Pesoria, bem como do enfado que os trigueiros moços da aldeia lhe causavam, e que esta era a forma de se ver livre dela. Fosse como fosse, a rapariga parecia feliz com a sua sorte, e ao tímido Bartilio, que estava habituado a fazer aquilo que lhe mandavam, não lhe parecia desagradar a perspectiva de se casar com uma mulher bonita e mandona.

Era uma noite de Sirulan, no vigésimo quinto dia do mês de Balsaman, Dia da Toca, um feriado regional no qual as crianças da aldeia iam à caça de toupeiras. Tratava-se de uma tradição ancestral, bem como um resquício (e, alguns afirmavam, uma paródia) da antiga animosidade dos humanos para com os thuragar, quando estes últimos ainda teimavam em permanecer perto da superfície. A reviravolta da primeira grande guerra dos humanos contra os thuragar e drahregs, na qual os thuragar se haviam virado à última hora contra os seus aliados, nunca fora particularmente convincente, pois os humanos estavam então a vencer com a ajuda dos sirulianos. O evento ficara na história como uma simples manobra de traição de um dos lados perdedores, mas como a batalha fora ganha o assunto ficara por esclarecer. Ainda assim, houve periódicas caças aos thuragar nas comunidades mineiras, bem como fumigação de túneis e emboscadas aos forrageiros que ousavam vir à superfície. As raízes do feriado pareciam assentar nessa outrora dignificante ocupação, quase idêntica à caça a toupeiras. Não foi senão quando Istegard surgiu na Guerra da Hecatombe com a lança que matou o temível Wrallach, que os humanos por fim cessaram o vilipêndio dos thuragar, passando então simplesmente a fazer pouco dos atarracados

humanóides. Não mais os caçavam, mas tão-pouco partilhavam com eles sequer os ínfimos espaços na superfície que estes requeriam para sobreviver, e as minas continuaram a ser duramente contestadas até os thuragar retirarem definitivamente para as entranhas da terra. Como alternativas à expiação, havia sempre as toupeiras, que durante o Inverno irrompiam à superfície em busca de alimento adicional, e foram os buracos destas que as crianças a partir da Sétima Era passaram a encher de fumo, matando à cachaporrada as que encontravam.

O Inverno começara bastante frio, como que em represália pelo estuante Verão, mas isso não impediu os pesorianenses de se reunirem na praça da aldeia para a grande celebração do dia. Os festejos do Dia da Toca culminavam de noite, quando os aldeãos cavavam um grande buraco na praça, onde cada um enterraria um qualquer bem perecível e simbólico, como uma espécie de desejo para o segundo semestre do ano. Enterrar uma toupeira era considerado um bom agouro, como se o cumprimento do desejo fosse uma espécie de resgate exigido à própria terra, à qual se tirava e subsequentemente devolvia o seu filho dilecto. Da terra para a terra, na esperança de uma boa colheita, sempre fora esse o espírito do último rito do Dia da Toca, e aquele dia não era excepção. As crianças não tinham conseguido apanhar muitas, e os pais das mais afortunadas tinham gabado as suas durante todo o festejo. Feitos os desejos, os aldeãos celebraram o acto com uma salva de palmas, abraçando-se então todos e desejando boa sorte uns aos outros.

Uma pequena porção de terra adjacente às emaranhadas raízes de um velho carvalho cedia, e o repentino vazio engoliu pedras, pó e terra. A cabeça de uma pá irrompeu como um sufocado verme, girando em si e descendo e subindo repetidamente para fazer ruir os grossos pedaços de terra húmida.

Uma rotunda aldeã ergueu o braço e deu o mote com um grito, iniciando a verdadeira festa. Houve então uma verdadeira corrida às fogueiras, em volta das quais as pessoas começaram a dançar, ficando para trás apenas os mais calmos ou os menos sociáveis, aos quais ficou entregue a tarefa de repor a terra no buraco dos desejos. Os aldeãos mais velhos encontravam-se entre esses, e limitavam-se a abanar as cabeças grisalhas ou carecas, pegando nas pás com o intuito de se aquecerem com um pouco de trabalho, pois a noite estava fria. Os soldados também se encontravam presentes, mas apenas os mais

disciplinados envergavam as suas brigandinas, e a maior parte tinha o braço em redor da cintura de uma rapariga em vez da haste de uma lança. Havia quatro fogueiras à volta do buraco cavado, bem como mesas e pipas de vinho estendidas sobre cavaletes, estas últimas a pingarem das aberturas, uma das quais com o corpo inconsciente de um velho de nariz ruborizado estendido ao lado.

Havia agora um buraco com um dossel de raízes de árvore, e dele saiu um elmo com um protuberante visor cónico que lembrava um focinho de toupeira. Vapor jorrou dos respiradouros do visor quando este olhou para os dois lados, e as duas frestas horizontais para os olhos davam-lhe um ar distintamente doloso. O elmo olhou então para baixo e no seu interior metálico ressoou uma série de rudes palavras que lembravam passos em terra escabrosa. Dito isto, o seu braço brotou da terra de punho cerrado e crispado debaixo da cabeça de um martelo de guerra com um temível bico recurvo e um espeto no topo.

— Vamos dançar, Bartílio! — exigiu Oranela, puxando o seu noivo pelo braço.

A rapariga tinha uma cara perfeitamente redonda com melosos olhos aclarados, e usava os cabelos castanho-escuros presos atrás, com um aro de firme cordel entrançado a pender-lhe da nuca. Bartílio franziu o cenho moreno, parecendo pouco à vontade com a ideia, e abanou a cabeça de espessos cabelos encaracolados.

— Anda! Não me caso com um homem que não goste de dançar! — insistiu a rapariga, puxando o hirto soldado.

Porém, Bartílio parecia ter mais medo de dançar que de perder o seu casamento, e manteve-se firme como até então raras vezes o fizera.

— És um chato — acusou Oranela, fazendo beicinho e virando-lhe as costas, correndo sozinha para o círculo de dançarinos.

Saindo completamente do buraco, o elmo revelou fazer parte de um arnês pequeno, compacto e robusto, constituído por uma série de peças articuladas, cujas frestas exalavam vapor na fria noite. As espaldeiras eram de tal dimensão que o elmo praticamente encaixava nelas, dando um ar atarracado à armadura. O pequeno guerreiro empunhou então o cabo do martelo com ambas as mãos e olhou em redor, roçando as placas do arnês para sacudir a terra. O seu braço esquerdo era pouco manobrável, pois o que lhe revestia a mão era uma tarja, uma manopla com um disco de metal perpendicular ao seu eixo

a servir de escudo e com um espeto no punho. Um outro par de mãos revestidas de aço agarrou-se às raízes sobre o buraco.

Oranela foi muito bem recebida pelos homens e rapazes que dançavam, e estes cobriram-na de atenções assim que esta aterrou no meio deles, como se aquela fosse a sua última oportunidade. Agradada com a atenção, a rapariga borboleteava fugazmente de um pretendente para outro, rodopiando e rindo puerilmente. Os cantos da boca de Bartilio descaíram ligeiramente, e este olhou em redor, sentindo-se repentinamente deslocado no meio de toda aquela pândega, e distintamente desconfortável com estar simplesmente ali de braços estendidos a olhar com cara de bezerro. Alguns dos seus companheiros ajudavam a tapar o buraco dos desejos, e Bartilio dirigiu-se a eles.

Já eram vinte os pequenos guerreiros arnesados e munidos de martelos de guerra que se encontravam fora do buraco. Falavam silenciosamente entre si, de olhos fitos nas fogueiras a cerca de uma centena de passos de distância, e quem ouvisse a sua conversa atribuiria provavelmente os ruídos ao lento arrastar de um cadáver por cascalho. Os seus arneses eram uniformes na aparência, dando-lhes o aspecto de toupeiras metálicas, e todos exalavam vapor no ar frio da noite. Nova agitação no buraco chamou-lhes a atenção, e todos viraram os elmos para verem a enorme cabeça de maça que dele irrompeu, ostentando quatro temíveis rebordos afiados em forma de garras. Estes cravaram-se em solo e raízes, apoiando a mão que surgiu a agarrar a borda do buraco, e então o último dos guerreiros içou-se para o exterior. A lua incidia-lhe nas costas, ensombrando a sua cara desprovida de elmo, mas a sua voz tinha um tom ainda mais metálico e fragoso que as dos que usavam um. As suas palavras tiveram efeito imediato, e o grupo espalhou-se e foi em direcção às fogueiras.

Bartilio pegou numa pá e começou a repor a terra no local do qual esta fora escavada, juntando-se aos seus companheiros. Um deles, Tiesoldo, chamou a atenção de um terceiro com um toque de cotovelo, e abeirou-se não tão discretamente de Bartilio.

— A Oranela parece estar a divertir-se — comentou, olhando de soslaio para o camarada cuja atenção chamara, mas este limitou-se a abanar a cabeça.

— Hum — respondeu Bartilio laconicamente ao recolher terra com a pá.

— E os seus companheiros de dança também — continuou o seu interlocutor.

— Não gosto de dançar.

— Ai, Bartilio, Bartilio — abanou Tiesoldo a cabeça, atirando um bocado de terra ao ar com um movimento teatral da pá. — Lindo sarilho em que te foste meter. Aquela rapariga vai-te sugar até ao tutano, e tu vais agradecer-lhe e perguntar-lhe o que podes fazer para que lhe saiba melhor. Conselho de amigo — disse, tocando na coxa de Bartilio com a ponta do cabo da pá. — Livra-te dela enquanto podes, ou ela planta-te chifres na testa antes que tu consigas dizer: «*Mas é meu?*»

— Já chega, Tiesoldo — advertiu Bartilio em voz baixa.

— Ah, isso antes de gastar cada cobre teu...

— Já chega! — vociferou o rapaz, cravando a pá no chão e achegando-se de Tiesoldo de peito enfunado, roçando o seu nariz no do seu mais alto companheiro. — Não te admito que fales assim da minha noiva!

O grupo de pequenos guerreiros arnesados caminhava tão furtivamente quanto as suas bem oleadas armaduras lhes permitiam. O ruído que os festejos dos aldeãos causavam era mais do que suficiente para abafar o ranger do metal que os revestia, mas os guerreiros estavam habituados ao silêncio sepulcral dos seus túneis subterrâneos, onde um rangido indiscreto poderia significar a morte. Havia poucas nuvens no céu, e a lua luzia branca nos contornos dos seus arneses, fazendo brilhar as vaporosas exalações dos respiradouros dos seus visores. A linha não parava de se estender a partir do buraco, e bifurcava-se a cinquenta passos da aldeia, começando a circundá-la. Dedos de aço estavam enclavinados em cabos de martelos, e os elmos iam girando de lado a lado, verificando a distância à qual se encontravam uns dos outros.

Bartilio e Tiesoldo encaravam-se como dois galos, e tinham como audiência as restantes pessoas que ajudavam a tapar o buraco. Os que festejavam estavam alheios à iminente luta, mas os civis que se encontravam em redor cessaram o seu trabalho e observaram atentamente. Os soldados entre eles, porém, largaram as suas pás e dirigiram-se aos dois com o intuito de os separar. O seu capitão permitira-lhes tomar parte nos festejos, e se houvesse problemas ficariam certamente de patrulha todas as noites dos meses seguintes.

— Vá lá, vocês os dois — disse o primeiro, enfiando as mãos entre os peitos de ambos com o intuito de os apartar. — O capitão deixou-nos todos de molho se houver problemas.

Tiesoldo sorriu e ergueu as mãos.

— Faz como quiseres, Bartilio. Era só um aviso de amigo. Nem todos conseguem encontrar uma divaroth como a minha Druela, e sinto-me na obrigação de ajudar os menos afortunados...

— Não falas assim dela, ouviste? — achou Bartilio por bem advertir, erguendo o indicador mesmo enquanto era afastado de Tiesoldo.

O soldado que os apartara aos dois deu-lhe uma palmada nas costas e virou-lhas, tentando criar a maior distância possível entre ambos. Como os ânimos pareciam ter serenado, os aldeãos que se encontravam por perto começaram a tapar o buraco, mas Tiesoldo ainda não dissera a sua última palavra.

— Já que não te importas, acho que vou dançar um pouco com a Oranela. Já que ela parece tão disposta a roçar-se àquele, pode ser que faça o mesmo comigo...

Bartilio virou-se bruscamente e lançou-se sobre Tiesoldo. Os dois rebolaram pelo chão, engalfinhados, e os aldeãos em redor tornaram a largar as pás para ajudarem a separar os dois soldados.

A agitação aumentou na aldeia, e os pequenos guerreiros arnesados sentiram que chegara o momento. Cerca de quarenta tinham formado um espaçado círculo de aço em redor da povoação, e aguardavam apenas a ordem para atacar. O seu líder fazia parte do círculo, e empunhava a sua enorme maça de quatro rebordos curvos com ambas as mãos. Tanto a sua arma como a sua armadura estavam cinzeladas com motivos e runas telúricas, e o arnês era feito de inúmeras peças soberbamente articuladas, à semelhança dos que os outros usavam, e o seu aço brilhava de forma estranha ao luar, fruto das ligas metálicas usadas no seu fabrico. Ao contrário dos outros, não usava elmo, mas a sua cara era ensombrada pela lua nas suas costas e pelas espaldeiras que a ladeavam, deixando apenas antever uma robusta careca. Os visores estavam virados na sua direcção. Todos aguardavam o seu comando. Os dedos da sua manopla rangeram ao crisparem-se no cabo da maça.

Bartilio e Tiesoldo trocavam socos, rebolando pelo chão, raspando as cabeças um do outro com os nós dos punhos. Havia gritos à sua

volta, à medida que mais pessoas se iam apercebendo da luta, mas os dois estavam de tal forma engalfinhados que era difícil sequer tentar separá-los. Tiesoldo acabou por ficar por cima, esmurrando a testa de Bartilio enquanto este lhe percutia as costelas.

— Separem-nos! — gritou alguém, abafado por semelhantes imprecações.

— Tiesoldo! — chamou um camarada.

— Chega-lhe! — incentivou um qualquer fulano mais entusiasmado pela luta.

Um soldado corpulento ousou meter-se no meio da contenda, e pegou em Tiesoldo por debaixo das axilas, entrelaçando os dedos atrás da sua nuca e arrancando-o de cima de Bartilio. Ambos desferiram chutos nos pés e canelas um do outro, e Bartilio ainda se tentou levantar para ir atrás do seu adversário, mas foi rapidamente refreado por camaradas seus. Sangrava do nariz e tinha os olhos arregalados como os de um lunático enquanto rogava todo o tipo de pragas a Tiesoldo, continuava a lançar reptos e se agarrava ao flanco, no qual o pomo da sua espada se enterrara quando Bartilio lhe saltara em cima.

— Acabou! — bramiu o soldado corpulento que pegara em Tiesoldo, arrojando-o sobre as ancas e pondo-se entre os dois. — Ouviram? Acabou!

Contudo, o grito desumano que então se fez ouvir deu a entender que acabara de começar.

Um coro de vozes medonhas e metálicas seguiu-se-lhe, gelando o sangue a todos os presentes e dando início a uma desenfreada corrida. As vozes rudes persistiram, dando continuidade àquele que parecia ser um grito uníssono, e o estrupido de passos acerados aproximava-se como um vagalhão de aço. Pessoas começaram a gritar, outras a olhar em redor aparvalhadamente como ovelhas presas no curral, e outras pegaram instintivamente em crianças ao colo. O pânico instaurou-se entre a multidão quando se avistaram os contornos metálicos dos vultos iluminados pelo luar, e rebentou verdadeiramente quando a luz das fogueiras os revelou pelo que eram. De martelos empunhados, os thuragar arnesados abateram-se sobre os indefesos aldeões, esmagando carne e ossos com brutalidade desferrolhada. Os humanos gritavam e corriam, encurralados com os disformes monstros, cujas sombras espalhadas pelas fogueiras os faziam parecer maiores do que eram. Oscilando os martelos para a esquerda e para a direita, cada um dos guerreiros thuragar limitava-

-se a correr para o meio dos desnorteados e apavorados inimigos, distribuindo morte contundente por onde passava.

— Bartílio! — gritou Oranela estridulamente, correndo de saias empunhadas e sendo derrubada por um indivíduo que com ela colidiu.

Ainda a sangrar do nariz, o jovem despertou do seu torpor e desembainhou a espada, correndo na direção da sua noiva. Um thuragar saltou-lhe no caminho, e o arco que o seu martelo descrevia destinava-se à cabeça de Bartílio, que a desviou a tempo, ripostando com um corte que atingiu inofensivamente a espaldeira do oponente. Bartílio nunca estivera num verdadeiro combate. Tudo o que lhe fora ensinado esfumou-se repentinamente, e a espada pareceu-lhe um instrumento estranho na mão, pelo que a usou como se fosse uma das ferramentas de falquear que usara na oficina de carpintaria na qual trabalhara. O thuragar avançava sem medo, confiante na proteção do seu arnês, e apenas vacilou ligeiramente quando Bartílio o atingiu em cheio no elmo com uma desvairada espadeirada. O jovem batia com a lâmina como se de um pau se tratasse, e continuou a golpear o thuragar, esporeado pelos gritos em seu redor, pelos enjoantes baques surdos, molhados e crocantes, pelo rufar cavernoso do seu coração nos seus ouvidos. O centro do seu mundo já não era Oranela, mas sim aquele medonho martelo com um bico recurvo, ao qual estava colada a sangue uma mancha de cabelo.

Tiesoldo correu então, empunhando uma pá que embateu violentamente de lado no visor afocinhado do elmo do thuragar. Os dois atacaram em conjunto, a sua rivalidade diluída no sangue quente do combate, fustigando o thuragar com pancadas que contudo pouco mais faziam além de barulho. Os gritos e as mortes à sua volta incitavam-nos ao mesmo tempo que os aterrorizavam, e a única coisa que importava era terminar com a ameaça imediata representada pelo thuragar que enfrentavam. Este conseguiu engancha o cabo da pá de Tiesoldo com o bico recurvo do seu martelo, e puxou violentamente o humano, derrubando-o. A espadeirada de Bartílio no seu flanco mal o afectou, e o thuragar preparava-se para esmagar Tiesoldo, mas então foi atingido na cabeça por um inesperado martelo de guerra empunhado pelo corpulento soldado que separara os seus dois companheiros durante a luta. Atordoado, o thuragar caiu ao chão, e foi aniquilado com uma segunda martelada. Tiesoldo pegou no martelo do tombado thuragar e os três olharam para o caos em redor, momentaneamente incapazes de tomarem uma decisão.

— Aquele! — gritou o corpulento soldado, indicando com o martelo roubado um thuragar que vinha calmamente na sua direcção, alheio à morte à sua volta, empunhando uma enorme maça de cabeça baixa, a sua cara coberta por jogos de sombras causados pela luz das fogueiras, que apenas deixavam entrever duas tranças negras de barba e uma brilhante careca.

Os três investiram contra o thuragar visado, mas Bartilio e Tiesoldo ficaram pelo meio, eles próprios atacados ou retardados pela desenfreada corrida de aldeões em pânico, e apenas o soldado corpulento conseguiu avançar. Empunhando o martelo com ambas as mãos, o jovem levou a arma atrás, aprestando-a para um possante altabaixo no final da sua carga. O thuragar recebeu-o com um desdenhoso golpe ascendente da sua maça, enterrando-lhe um rebordo pela barriga acima, e alçando-o sobre a sua cabeça com o ímpeto da investida e pura força muscular, descrevendo um arco que terminou com o violento baque de costas do humano no chão. Este emitiu um ruído rouco e sufocado, sentindo o aço recurvo do rebordo enterrar-se-lhe desde o estômago até ao pulmão, mas não teve sequer tempo de sofrer, pois o thuragar torceu o pulso da mão que empunhava a maça e pisou a garganta do soldado. Nessa posição, empurrou o cabo com força inumana, e o rebordo da sua maça irrompeu do peito do adversário num espirro de sangue, destroçando-lhe o esterno e as costelas e tudo o que ficava pelo meio com um nauseante estalido.

Os que viram ficaram retidos, apavorados, mas o thuragar não parou por aí e arrancou a maça do corpo destroçado do soldado. Quando trouxe a arma acima, proferiu um urro tal que todos em redor tiveram a sensação de que o próprio céu iria desabar.

— *KARČR RKA!*

As runas nos cruentos rebordos curvos da sua maça luziram antes de esta embater brutalmente no chão, enterrando-se parcialmente nele e desencadeando um pequeno sismo. Os alicerces das casas de tectos cónicos tremeram, e o chão rebelou-se debaixo dos pés de humanos e thuragar, causando a queda a todos numa área em redor do impacto da maça.

Bartilio praticamente já só agia por instinto. Esquecera-se mesmo de Oranela, e o mais importante naquele momento era simplesmente levantar-se, matar o que quer que o atacasse, e fugir dali o mais depressa possível, daquele impensável horror, daquele pesadelo de dias negros de um passado acerca do qual apenas ouvira histórias. Tiesoldo também se levantou, mas foi prontamente atacado por um

thuragar que recuperara mais depressa, e apenas se conseguiu esquivar a um golpe antes que o espeto de uma tarja lhe atravessasse a garganta. Bartilio mal registou o sucedido, tudo o que queria era fugir, mas então algo lhe explodiu nas costas, algo que fracturou a sua coluna com um estalo que se fez sentir pelo seu corpo inteiro, e que o fez cair dessensibilizado ao chão. A sua cabeça embateu de lado, mas mal sentiu o impacto. Pareceu-lhe ouvir Oranela gritar, mas era difícil dizer no meio de tamanha cacofonia, estava completamente desorientado, e não conseguiu virar o pescoço para ver. Não se conseguia mexer, mal conseguia respirar, o seu corpo estava hirto e arqueado para trás. A sua visão desfocada pouco mais via além de pés e pernas que corriam em redor. Um par de escarpins com três espetos nas pontas aproximava-se da sua cabeça, e Bartilio sentiu que a sua morte estava iminente. Naquele momento, deu consigo a desejar que fosse rápido, que ao menos pusesse fim àquela aflição, àquele pânico que lhe contraía os pulmões.

Mas a morte não veio. Os escarpins detiveram-se perto da sua cara, e o que ouviu foram mais gritos da voz rouca que mais parecia provir de baixo de um túmulo de pedra, cujas palavras não compreendia e que contudo ressoavam nos seus ossos como se estivesse a ser lapidado. Os olhos desfocados de Bartilio subiram lentamente para os seus cantos, e o que viu tê-lo-ia apavorado, não se sentisse já o jovem tão próximo da morte que esta não passava de uma questão de tempo.

O thuragar era careca, tinha uma cara grande e quadrada, com olhos injectados de sangue debaixo de grossas sobranceiras unidas, e duas tranças negras provenientes de dois crescimentos pilosos separados no queixo, mas o mais perturbador no seu semblante era a ausência de um nariz, em cujo lugar restavam apenas duas cavidades nasais. O rubor das labaredas relevava as irregularidades na pele cicatrizada entre os seus olhos e os dentes expostos do maxilar superior, o que dava a entender que o seu nariz fora arrancado juntamente com parte do rosto. Ao abrir a boca para gritar, o thuragar expeliu saliva, e a falta de lábio superior conferia um esgar medonho à sua expressão. Bartilio não compreendia as palavras, mas de qualquer forma estava demasiado preso pelo grotesco espectáculo da cara do thuragar para lhes prestar atenção.

— Escorraçaram-nos para debaixo de terra como os vermes pelos quais nos têm! — berrou Othragon, o Aesh'alan, empunhando a maça ao alto para incitar os seus guerreiros thuragar. — Relegaram-nos ao

frio e à escuridão das cavernas, ocultando-nos do seu *belo* mundo, escondendo a nossa fealdade da luz do sol!

Em resposta, os thuragar urraram do interior dos seus elmos, martelando e matando em fúria.

— Cuspiram-nos em cima, empurraram-nos para as entranhas da terra e deixaram-nos dejectos para comer! Mas tornámo-nos fortes por isso! — afirmou Othragon, batendo no peito com o punho acerado, e soltando um espumoso fio de saliva que lhe ficou a pender de uma das tranças. — Mostrem-lhes o poder dos thuragar! Mostrem-lhes o poder dos filhos das cavernas! Queimem as suas casas quentes, fruam das suas mulheres bonitas, e matem todos! Que o seu sangue regue a terra que nos protege e dá força!

Os seus guerreiros não precisavam de motivação adicional, mas as palavras do Aesh'alan lançaram-nos num frenesi de berros e aço sangrento. Satisfeito, Othragon baixou a maça e olhou à sua volta, para os cadáveres de cabeças arruinadas, homens, mulheres e crianças, para os gemebundos homens fracos que fugiam e eram mortos de costas, e para as jovens que gritavam desalmadamente enquanto thuragar lhes puxavam os cabelos e apartavam as pernas macias. Uns retiravam-se para o interior das casas, barricando as portas, mas os seus guerreiros pegavam em fochos das fogueiras e pegavam-lhes fogo, ou então arrombavam as portas com os bicos recurvos dos seus martelos. Outros contorciam-se no chão com ossos partidos, e eram prontamente mortos por thuragar armados de longas adagas com bases cuja espessura era de cinco dedos, ou então prolongadamente martirizados com os cruéis espetos das suas tarjas.

— Durante eras comemos vermes, morcegos e lagartos — disse Othragon para si mesmo, contemplando fogo, morte e destruição onde quer que olhasse. — Vivemos no escuro e no frio, caçados como animais sempre que erguíamos as cabeças.

Esfregou o queixo com as costas da manopla para limpar a saliva que sabia ter-se acumulado, e lamentou uma vez mais não poder sentir o cheiro a sangue no ar. Não podia sentir cheiro algum, nem tão-pouco o sabor; fora essa a sua Oblação antes de se tornar um Aesh'alan. Comer sempre fora o seu grande prazer, degustar os sabores de tudo o que os seus homens pilhavam na superfície, de tudo o que era inexistente nos insossos subterrâneos nos quais sempre vivera. Quando foi privado do seu nariz, tornou-se efectivamente cego na perpétua noite das cavernas, pois sem poder sentir os odores, o mundo no qual vivia tornou-se inodoro além de incolor, privando-o de todos

os sentidos além da audição e do apurado tacto dos thuragar. Por essa razão, Othragon deixou-se imergir naquela torrente de sons e imagens de violência, sentiu-se quase embriagado pela rara e preciosa luz do fogo que lhe permitia ver tudo aquilo.

— Para o abismo contigo, Seltor — murmurou o Aesh'alan de dentes arreganhados, pensando em voz alta como muitos thuragar o faziam no solitário mundo subterrâneo. — Não precisei de ti para preparar a queda de Nolwyn, e estou demasiado longe de ti para que sejas uma ameaça. Já não deténs o poder de outrora.

O thuragar passou os dedos acerados pela rugosa pele entre as suas cavidades nasais e os seus dentes, recordando a dor de ter a cara esfolada pela dádiva de poderes negros e para uma vida de servidão. E rosnou.

— Senti o teu regresso, todos o sentimos, mas não te dignaste sequer a falar-me. Esperavas certamente que a minha obediência cega continuasse — reiterou, como se O Flagelo estivesse a ouvir, e subsistia a possibilidade de que efectivamente estava, agora que regressara. — Fica com o adulador do Nishekan. Não preciso de ti. Tenho os meus thuragar, e não mais seremos usados. Nolwyn será nosso...

O rapaz aos seus pés chamou-lhe a atenção, pois fitava-o com olhos de um animal em pânico. A posição em que se encontrava era patética, e praticamente suplicava por um fim ao seu sofrimento. Othragon sorriu, e o seu sorriso era algo terrível e grotesco de se contemplar.

— Nunca quiseste saber como uma toupeira se sentia, humano? — indagou o Aesh'alan com um Glottik falado como se estivesse prestes a cuspir, tanto devido ao sotaque como pelo desagrado que a língua dos humanos lhe causava. Um passo de placas de metal a rasparem, e os espetos do seu escarpim direito ruborizado pelas labaredas das fogueiras ficaram a escassa distância dos olhos do jovem.

Os berros de morte em redor iam escasseando, substituídos pelos gritos desesperados das aldeãs que se encontravam às mãos dos thuragar. Othragon não lhes deu atenção.

— Diz-me: qual foi o teu desejo? — perguntou Othragon, inclinando-se ligeiramente. Não havia qualquer sarcasmo ou malícia na sua voz, apenas desprezo e ódio triunfante. — Não consegues falar? As toupeiras também não. Mas nós, os thuragar, falamos. E não merecíamos ser tratados como toupeiras, como vocês nos trataram. Agora é a vossa vez.

Othragon girou a enorme maça na sua mão e deixou-a de cabeça para baixo, empunhando-a como uma bateadeira de manteiga. Ergueu ligeiramente o braço, e ficou desapontado quando o humano nem sequer fechou os olhos quando a sombra dos rebordos lhe cobriu a cara. Othragon baixou a arma e inclinou a cabeça para o lado, parecendo ponderar enquanto um fio de saliva lhe escorria pelo canto da boca.

A última coisa que Bartilio viu foi o escarpim munido de espetos vir contra a sua cara.